**A Construção do Pensamento Decolonial para Repensar a Realidade Latino-Americana:**

**Aspectos das Narrativas sobre os Grupos Subalternos.**

Giovanna Vitoria Simões Feitosa[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

Este trabalho aborda a centralidade do pensamento decolonial, destacando sua importância na construção de uma identidade latino-americana e no reconhecimento dos sujeitos subalternos. A pesquisa explora o debate sobre a produção de conhecimento sob uma perspectiva decolonial, questionando a hegemonia do pensamento eurocêntrico.

A teoria decolonial propõe uma ruptura com a modernidade/colonialidade, enfatizando a colonialidade do saber, do ser e da natureza. Diferenciando-se do pensamento pós-colonial, busca construir categorias próprias para a América Latina, reconhecendo que a colonização não foi superada, mas ressignificada na modernidade. O estudo analisa as críticas a essa abordagem, questionando se de fato rompe com a matriz europeia ou apenas a ressignifica.

A pesquisa também discute a narrativa dos povos subalternizados e os desafios da representatividade, destacando como a produção acadêmica ainda está restrita a espaços normativos. Além disso, problematiza a apropriação de discursos decoloniais sem uma real inclusão dos grupos historicamente marginalizados.

Por fim, a conclusão sugere que, em vez de um pensamento decolonial, seria mais adequado um pensamento anticolonial, que reconheça a colonização como parte da identidade latino-americana e proponha uma reconstrução do conhecimento baseada na realidade concreta dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Decolonialidade; Filosofia Latino-Americana; Narrativas e Identidade.

**Introdução**

O presente trabalho pretende apresentar a centralidade do pensamento decolonial, abrangendo a premissa da construção de um pensamento latino-americano por meio da reconstituição da identidade dos sujeitos subalternos. Este, que se encontra com apoiadores e grandes críticos dentro e fora da América Latina, que busca estabelecer um espaço sobre o debate da produção de conhecimento sob uma perspectiva decolonial, pois como veremos, existem grandes nuance-as sobre a equivalência do valor epistêmico e social seguintes atribuídas ao conhecimento latino-americano.

A investida desse trabalho é buscar estabelecer o reconhecimento de algumas pautas dos estudos decoloniais que remontam a percepção de nossa realidade política, econômica e social desmembrada do modelo de sociedade hegemônica que se funda sobre o sistema capitalista, rememorados com a continuidade do colonialismo transmutado em modernidade.

A primeira sessão corresponde na análise sobre a conceituação do pensamento decolonial e as demais sessões tratarei de compreender o ponto estruturante sobre a representatividade e a narrativa sobre os sujeitos subalternos, problematizando-as no contexto contemporâneo.

 **O Desenvolvimento do Pensamento Decolonial**

Através da vertente da crítica do pensamento pós-colonial que busca introduzir as teorias para a construção do pensamento asiático e africano, trabalhando os contextos desses países colonizados, e assim produzindo reflexões do que representou o colonialismo nestes países. Desse modo, o pensamento decolonial aborda as questões políticas, sociais e culturais da américa-latina sob a ótica de uma reposição discursiva, possibilitando uma nova concepção do mundo e ao que corresponde ao sujeito.

A teoria decolonial constitui-se em um pensamento tríade que concebe a Modernidade/Colonialidade e Decolonialidade para compreendermos o que se configura da colonialidade do saber, do ser e natureza. A perspectiva decolonial como já suscitamos anteriormente, advém do pensar a realidade latino-americana para além de uma perspectiva que identifica o processo colonizador como algo superado e passado, onde a decolonialidade surge de um desmembramento do pensamento pós-colonial pelo rompimento do Grupo Latino-Americano de Estudos Subalternos, do qual a formulação de categorias e conceitos precisariam ser próprios, assim como o entendimento de que o colonialismo na América Latina foi diferente do que ocorreu com os demais países colonizados.

O pensamento decolonial propende ao pensar colonialidade, questionando a articulação da colonialidade na reposição do pensamento latino-pensamento, sendo identificada como um processo que está presente nos nossos dias, porém os estudos anticoloniais que anteveem essa perspectiva já reivindicam essa mesma posição. O Ponto é identificar porque essa perspectiva seria mais efetiva para o desenvolvimento de um pensar latino-americano, pois os estudos pós-coloniais já explicitavam que os erros de uma modernidade ''vitoriosa'' nunca foram os seus produtos precoces ou da incompletude da sua recomposição processual, mas seus elementos intrínsecos que se ressalvam o passado colonial. Alguns autores iram dizer que o que diferencia o pensamento decolonial das demais investigações que abordam o espectro da colonialidade devido articulação entre modernidade/colonialidade, o pensamento decolonial aplicaria em uma construção que rompe definitivamente com as raízes do pensamento eurocêntrico.

A questão sobre o pensamento decolonial é se alguma de suas preposições não são um subterfúgio egoico de propor algo único sobre a América Latina, pensadores como Boaventura que indicam uma posição radical de desmembramento ao pensamento eurocêntrico, porém se torna contraditório ao oferecer uma certa equiparação de conceitos teóricos europeus para o compor o pensamento sobre a América Latina. Será que esse pensamento e as preposições rompem realmente com a sistematização europeia? Ou apenas reapropriam mecanismos versando uma representatividade, que concriam os mesmos espaços da qual obtém suas críticas? Será o que abordaremos nas próximas sessões.

**Reescrevendo a Realidade Latino-Americana: O discurso decolonial como um possível mecanismo?**

Algumas teorias que fundavam uma nova perspectiva de sociedade pautada na construção de uma organização social sob o critério da reciprocidade, de solidariedade, de liberdade e de comunidade, não suplantava o contexto latino-americano. A teoria decolonial buscou enfatizar eixos de subjetividade, do gênero, das práticas culturais, da natureza como forma de repensar a sociedade, das quais as teorias eurocêntricas não correspondiam assertivamente com estas questões.

Autores como Aníbal Quijano introduziram uma a noção da conceituação do domínio colonial sob a prerrogativa de uma racionalidade superior, como forma de justificação para conduzir a subalternização dos povos. Neste sentido, podemos ver a filosofia ainda enclausurada nesses termos, constituída sob uma denominação de razão pura. A filosofia quando ainda reflexionava sobre a constituição cosmológica adotava uma inserção de narrativas que eram constituídas por métodos ainda não tão rebuscados, talvez isso que descreveria a paixão dos amantes deste saber, porém ao passo da modernidade a filosofia adotou outra perspectiva que buscou a comprovar como um elemento estritamente analítico de uma virtude racional da qual desatrelou outras formas de compreender as especificidades do ser.

A perspectiva decolonial irá enfatizar a separação dessa prerrogativa epistemológica, buscando o reconhecimento dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos subalternos, a fim de reconstruir perspectivas teóricas e práticas que estejam contextualizadas com os conhecimentos historicamente produzidos por estes povos, como meio de resgate da identidade latino-americana.

**A Criação de uma Narrativa para os Povos Subalternizados**

A partir da desqualificação epistêmicas e ontológica desses sujeitos explicasse pelo não enquadramento sob os termos eurocêntricos foi sistematicamente negada, a partir de um olhar para a centralização do conhecimento na modernidade em torno de uma ideia específica de racionalidade, a produção do conhecimento se enclausura em pressupostos que se oculta em uma única forma de pensar. Desse modo a modernidade/colonialidade reproduzem somente uma manutenção dessa premissa racional, que hoje pode ser observada em continuidade por meio do modelo normativo que ocupa as ciências sociais e as demais ciências, centralizadas nos espaços de produção acadêmica pelas universidades como um todo.

O pensamento decolonial então buscará recomposições sobre os modelos epistemológicos que conduzem o conhecimento baseada em um recorte de gênero, de raça, de classe e de localização, buscando então uma inserção desses pontos, ou seja, um modelo exija categorias explicativas e normativas de modo contextualizadas e não tomadas como absolutas, a fim de propiciar, possibilidades de abranger outros repertórios e interesses distintos, podendo então ressignificar suas perspectivas e conteúdo. Dessa forma se cria um espaço efetivo em detrimento dos pontos narrativa, assim como José Carlos Mariátegui argumenta sobre o espaço dos índios e negros da América Latina ‘‘... em todos os países têm que lutar por suas reivindicações...’’, como forma de lutar contra essas imposições que se engendram o pensamento colonial.

 **O Problema da Narrativa na Contemporaneidade**

A contribuição do pensamento decolonial é notória ao buscar a reinserção das pautas históricas que remontam parte da identidade da América Latina ao evocar os grupos subalternos numa questão de narrativa, porém este é um ponto que vem sendo discutido pela sociedade na totalidade. Está sendo colocado em pauta pelo problema da representação da narrativa destes povos, do qual boa parte das produções intelectuais são desenvolvidas por pessoas que não são partes destes respectivos grupos, mas que trabalham sob suas questões. Como mencionado na sessão anterior, a produção desses conhecimentos ainda se restringe ao âmbito das universidades, que corresponde a uma metodologia que centra nos procedimentos da epistemologia positivistas, fazendo com que a inserção de tratativas associadas a pensamentos que não correspondem com um ideal processual que não é inserido como parte de pesquisas relevantes, sem contar, que esses grupos nem se quer chegam acessar esses âmbitos.

Outro ponto colocado como consonante dessas pautas é de onde deriva esse lugar de fala? Quando tratamos de negros e indígenas, principalmente o respaldo representativo, considera-se o quesito da ancestralidade. Quando abordamos as questões identitárias dos negros, segue-se o que elucida Lélia Gonzalez sobre a incorporação do reconhecimento da negritude no contexto brasileiro, da qual considerando o processo de eugenista que ocorreu no Brasil colonial pela chamada “mestiçagem”, podemos considerar 90% da população com alguma espécie de descendência negra, mas isso não pode ser consideração para um sujeito ser denominado como pertencente da raça, etnia negra, devido à estruturação do racismo brasileiro ter uma leitura majoritariamente pelo quesito da cor e alguns fenótipos. Porém, o que hoje nó temos é Saberes localizados (1995) que Donna Haraway identifica as formas de conhecimento eurocêntricas situadas numa prerrogativa de sujeito universal forjado em torno de uma naturalização banal sobre os direitos, versada sobre uma responsabilidade que se traduz como aberta ao diálogo democrático.

A representação continua velada sob aspectos de apropriação cultural e o discurso decolonial semeia um pouco destas premissas, pois coloca a narrativa dos grupos subalternos numa representativa pautada num sujeito característico, correspondendo as mesmas dinâmicas de universalidade das teorias eurocentristas da qual trata de se opor, mas reproduz um mecanismo igual, pois reside em um lugar ideal onde compartilhamos os mesmos espaços de inclusão ao narrar a realidade como concreta para estes sujeitos. Esta é uma questão sobre discursos éticos e políticos, onde se reivindica o direito da representatividade e narrativa dos sujeitos.

**Conclusão**

Concluo esta pesquisa com o pensamento de que a perspectiva decolonial corresponde a um passo importante para o desenvolvimento para o pensamento latino-americana, envolvendo reflexões únicas sobre relações de gênero, raça e natureza que normalmente não encontramos nos clássicos europeus, porém resguardo minha posição de que a premissa "rompimento com o pensamento eurocêntrico’’ da qual circunda a definição de decolonialidade, não seja um ponto que considero consistente, pois como vimos as propostas no compreendem a representatividade e narrativa ainda residem em aspectos de um local que é privilegiado e que não exprimem a condição real dos sujeitos. Uma epistemologia que ainda considera da representação/narrativa como um personificado com um lugar desconfigurado do real, sujeitos subalternos produz a mesma estratificação epistemológica, tal qual o modelo eurocêntrico, desse modo não faz sentido um pensamento decolonial e sim anticolonial, direcionando a conceituação de Karl Marx com materialismo histórico-dialético, a questão é as coisas estão intrinsecamente relacionadas.

Adotando uma postura anticolonialista e tomando consciência desse processo, extraindo a marca histórica dela que permanece em nossa estrutura social, como forma de articular elementos que recomponha a nossa identidade, entendendo que a colonização também faz parte dela e que o espírito das nossas culturas permeou antes, durante e depois, pois a ‘‘história dos homens, é história das lutas de classes’’. A construção do conhecimento por meio de um processo não hierarquizante e detidos de saberes distintos expressos pela experiência dos sujeitos, como uma forma de criar um processo de conhecimento pautado conexão dialética das perspectivas do real, desse modo criando um espaço comitente ao sentido democrático. Atribuindo o pensamento latino-americano com conceitos que atribuam relação com o nosso contexto.

**Referências**

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu,1995.

ESCOBAR, Arturo. Mundo Y Conocimento de Otro Modo. Tabula Rasa: Colombia, 2003.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. Zahar: Rio de Janeiro, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder. CLASCO: Buenos Aires, 2005.

MARIÁTEGUI, José. Ideologia y política. Editora Amauta: Lima, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Epistemologias do sul, 2009.

1. Graduanda em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Federal da Integração Latino Americana, coordenadora do projeto de Formação Acadêmica ‘Desvendando Saberes’, atuou como professora da rede de Educação Básica do Estado do Paraná com o ensino de Filosofia, atualmente está integrada ao programa da Mobilidade Acadêmica na University of Hradrec Králové in Philosophical Faculty na República Tcheca. [↑](#footnote-ref-1)